



Departamento de Sociologia e Políticas Públicas

## O Jornalismo na Sociedade em Rede: Impactos e Consequências

Rubens Borges da Silva Junior

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor Pedro Pereira Neto, Professor Adjunto Convidado,  
Escola Superior de Comunicação Social - IPL

Coorientadora:

Doutora Rita Espanha, Professora Auxiliar,  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2013



**Resumo:** O Jornalismo tem passado por diversas transformações ao longo dos anos, principalmente com o surgimento de novas tecnologias. Nos últimos anos, com a expansão da Internet no mundo, essas mudanças têm sido ainda mais constantes: com isso mudou a rotina dos jornalistas, a forma de se produzir a notícia e também de consumi-la. Com a convergência entre texto, som e imagem, o Jornalismo online pode explorar as potencialidades que a internet disponibiliza, pois o Jornalismo praticado na *web* não é apenas uma transposição do rádio, da televisão e do impresso. Nesse sentido, esse trabalho pretende perceber como a Internet pode influenciar a produção da notícia impressa, quais as consequências da convergência dos media nas redações e nos jornalistas, e qual o real impacto da Internet e dos sites de notícias no Jornalismo, nomeadamente em Portugal e no Brasil.

**Palavras-chave:** jornalismo, internet, sociedade em rede, online

**Abstract:** Journalism has been through several transformations throughout the years, mainly with the emergence of new technologies. Over the past years, with the worldwide expansion of the Internet, these changes have been even more constant. As a consequence, the routine of journalists as well as the way of producing and of consuming news have also changed. With the convergence of text, sound and image, online journalism can explore the potential offered by the Internet, as it is not just a transposition from radio, TV or press. In this sense, this work intends to clarify how the Internet can influence the production of printed news, what are the consequences of media convergence for editorial offices and for journalists, and what is the real impact of the Internet and of news websites on journalism, namely in Portugal and in Brazil.

**Keywords:** journalism, Internet, network society, online



## Índice

1	Introdução	7
2	O Jornalismo e a Sociedade em Rede	9
3	Jornalismo online	13
	3.1. Queda na venda de jornais	14
	3.2. Convergência dos media e redações integradas	17
4	O papel do jornalista	23
5	O usuário como produtor de notícia	29
	5.1. Blogs jornalísticos	30
6	Aspetos metodológicos	33
	6.1. Objetos empíricos	33
	6.2. Metodologia	35
7	Análise de conteúdo	37
	7.1. Resultados	44
8	Considerações finais	47
9	Referências Bibliográficas	49
10	Anexos	I
11	CV	V



## Índice de figuras

1.7 Site Folha de São Paulo	37
2.7 Site Jornal de Notícias	39



## 1 INTRODUÇÃO

Desde a Licenciatura que tenho interesse em estudar as transformações ocorridas no Jornalismo na sociedade contemporânea, principalmente após a expansão de jornais *online*, a queda na venda dos jornais impressos na maior parte do mundo e novos modelos de negócios de comunicação, se realmente existe um novo modelo de comunicação.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo discutir o Jornalismo na Sociedade em Rede, quais os seus principais desafios e quais os possíveis impactos e consequências da Internet, enquanto plataforma que possibilita a veiculação de notícias, nos meios de comunicação, nomeadamente nos jornais impressos.

Os dados presentes nesse trabalho servem para elucidar a nova dinâmica comunicacional estabelecida após o surgimento dos *sites* e *blogs* jornalísticos que passaram a ser concorrentes do jornal impresso, que tem visto diminuir venda e receita na maior parte do mundo.

Discutiremos também os impactos que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação tiveram na rotina de trabalho do jornalista, que passou a atuar, em alguns casos, em mais de um veículo de comunicação, tornando assim a profissão mais dinâmica e mais competitiva e obrigando o profissional a novas práticas.

Também será analisado como os *blogs* jornalísticos e a convergência das tecnologias são desafios que os *media* enfrentam na sociedade contemporânea e quais as principais diferenças do modo tradicional de se fazer Jornalismo para o modo atual com a expansão da Internet na maior parte do mundo.



## 2 O JORNALISMO E A SOCIEDADE EM REDE

As primeiras atividades jornalísticas surgiram na Europa pré-industrial, nomeadamente entre os séculos XV e XVI com publicações como panfletos ou impressos em geral, que faziam circular informações sobre eventos, políticas e comércios. Esse período foi marcado pelo surgimento da prensa de Gutenberg e pela ascensão do mercantilismo.

Mas os primeiros jornais impressos surgiram na Europa somente no final do século XVII<sup>1</sup>, período em que se encontrou bases técnicas e sociais para isso. Após a Revolução Francesa, no final século XVIII, o Jornalismo fortaleceu-se e assumiu o papel de mediar e tornar público o que é de interesse da sociedade.

Os veículos de comunicação tradicionais vêm sofrendo constantes mudanças ao longo dos anos. Em 1845, o jornal *New York Herald* anunciou o fim da Imprensa após a invenção do telégrafo. No início da década de 80, com a chegada da Internet, muitos falavam do Jornalismo eletrônico e as suas potenciais consequências sobre o Jornalismo tradicional.

As primeiras experiências de Jornalismo *online* foram realizadas do final da década de 80, quando provedores como o *American On Line* começaram a disponibilizar serviços de notícia personalizados. Segundo dados do *NewsLink*<sup>2</sup>, no início de 1994 a rede mundial de computadores abrigava aproximadamente 20 sites noticiosos, todos produzidos nos EUA. Em 1997 esse número era de mais de 3,6 mil.

Com esse forte avanço tecnológico o Jornalismo nos *media* tradicionais perdeu espaço entre aqueles que buscam informação. O jornal impresso traz notícias de ontem. Enquanto isso, os jornais *online* são atualizados constantemente e tem o potencial de trazer informações de todo o mundo em tempo real.

A indústria dos *media* atravessa um período instável e caracteriza-se por uma velocidade de mudança sem paralelo nos últimos cem anos. Estas transformações fundam-se na revolução digital, principalmente com o surgimento da Internet. A base de comunicação em massa passa para uma sociedade moldada pela comunicação em rede (Castells, 2000).

Nesta Sociedade em Rede a autonomia das escolhas de decisão está diretamente ligada com a nossa capacidade de interação com os *media*... Porque sendo a espécie humana caracterizada pela comunicação, é esta que assegura o tecido social que construímos e em que vivemos. (Cardoso, 2006: 41).

---

<sup>1</sup> O primeiro jornal da Europa, o "Nieuwe Tijdinge", foi publicado em Anvers em 1605, por Abraham Veihoeven. Ver o site Museu Virtual da Imprensa:

<http://www.imultimedia.pt/museuvirpress/port/frame3.html>

<sup>2</sup> <http://www.ajr.newslink.org/>

Em “A Sociedade em Rede”, primeiro dos três volumes da série “A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura”, Castells (2000) descreve a sociedade contemporânea como globalizada, centrada no uso e aplicação de informação e conhecimento, cuja base material está a ser alterada aceleradamente por uma revolução baseada na tecnologia da informação e no meio de profundas mudanças nas relações sociais, nos sistemas políticos e nos sistemas de valores. Para examinar a complexidade da economia, sociedade e cultura em formação, o autor utilizou como ponto de partida a revolução da tecnologia da informação, pela sua penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana.

O surgimento dessa Sociedade em Rede, que reagrupa empresas, organizações e indivíduos, formata um novo paradigma sociotécnico e mostra-nos que a nova economia está organizada em torno de redes globais de capital, gestão e informação. Castells afirma que essa nova economia é informacional, porque ela passa a girar em torno de informação produtiva, com a capacidade de gerar, processar e aplicar dados de forma eficiente. Ela também é global, pois a sua circulação e consumo ocorrem cada vez mais amparados por redes globais de comunicação. E, assim, “também é em rede, ou seja, um conjunto de nós interconectados, por se apoiar em interconexões mundiais entre empresas, governos, organizações civis e pessoas” (Castells, 2000: 566).

Os homens organizaram-se, primeiramente, em comunidades, onde compartilhavam valores e crenças. Porém, na modernidade, essa lógica foi rompida e estimulou-se o individualismo. Na sociedade contemporânea, o processo de fragmentação social ficou mais complexo, os contatos multiplicaram-se e reorganizaram-se de outras formas, principalmente no ambiente virtual, os movimentos sociais agora caracterizam-se pela descentralização, há uma revalorização da proximidade, como se as redes substituíssem as antigas comunidades territoriais. “As comunicações em rede são o antídoto ou contrapeso ao individualismo que, com razão, Manuel Castells nota ser uma das forças impulsionadoras da era da informação” (Rüdiger, 2007: 84). Segundo Stockinger (2003), essa Sociedade em Rede torna os sistemas componentes dessa sociedade capazes de funcionar em melhores condições de mudança e criatividade.

Estas transformações terão o potencial de ser, a dado ponto, usadas a favor dos próprios jornais. É claro que essa adaptação envolve um elevado sentido de inovação e adaptação, engenho e criatividade. O modelo de pagamento para o acesso a conteúdos informativos na Internet é um dos desafios com que o setor de comunicação se depara nos tempos modernos.

Outro grave problema do setor de comunicação é a perda de receita de publicidade dos *media* tradicionais, que está a perder território para os novos *media*, principalmente a Internet. Há países, como o Brasil, onde essa perda chega a 12% ao ano.

A Internet tem como característica o imediatismo e a rapidez. As tecnologias digitais permitiram que a informação fosse “processada automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativa” (Lévy, 1999: 52). A tecnologia melhorou o sistema de busca da informação e facilitou o armazenamento de dados com um custo mais baixo.

Se durante boa parte dos dois séculos anteriores havia uma divisão clara entre os limites de cada *medium* (rádio, jornal ou televisão), agora esses limites estão menos claros (Santaella, 2007).

Uma das principais diferenças que o Jornalismo *online* tem em relação ao impresso é a interatividade. Os leitores não querem apenas ler a notícia, querem participar e se possível até escrever o fato. Aquela velha ideia dos profissionais dos *media* produzirem para uma grande massa está a modificar-se. Há uma interação constante entre jornalistas e leitores. Como afirmou Manuel Castells (2000), “a Internet, em suas diversas encarnações e manifestações evolutivas, já é o meio de comunicação interativo universal via computador na era da informação”.

Essas mudanças no Jornalismo ocasionadas pela Internet atingem a pesquisa, a produção e a distribuição das informações, possibilitando, assim, novas formas de relacionamento entre o jornalista e o leitor, alterando o perfil do jornalista como único produtor de notícias.



### 3 JORNALISMO ONLINE

Assim como cada plataforma mediática tem uma linguagem própria, também o Jornalismo *online* tem as suas particularidades, estudos foram realizados para tentar encontrar quais seriam as características do Jornalismo feito para a Internet. Conforme Canavilhas (2003):

O aparecimento de novos meios de comunicação social introduziu novas rotinas e novas linguagens jornalísticas. O jornalismo escrito, o jornalismo radiofônico e o jornalismo televisivo utilizam linguagens adaptadas às características do respetivo meio. Com o aparecimento da Internet verificou-se uma rápida migração dos *mass media* existentes para o novo meio sem que, no entanto, se tenha verificado qualquer alteração na linguagem. O chamado "jornalismo *online*" não é mais do que uma simples transposição dos velhos jornalisimos escrito, radiofônico e televisivo para um novo meio. Mas o jornalismo na *web* pode ser muito mais do que o atual jornalismo *online*. Com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, o *webjornalismo* pode explorar todas as potencialidades que a Internet oferece, oferecendo um produto completamente novo: a *webnotícia*. (Canavilhas, 2003).

A primeira geração dos sites da Internet foi uma espécie de transposição dos *media*, quando muito, a soma dos *media* anteriores apresentadas em um mesmo espaço, onde se podia ler o texto, ver as imagens e ouvir o áudio. As formas antigas estavam lá, não-integradas, apenas apresentadas uma ao lado da outra (Deak, 2011).

Pavlik (2001) entende que as transformações no campo passam pela natureza do conteúdo, do trabalho jornalístico, da estrutura das redações e das empresas jornalísticas, bem como pelas relações entre organizações de notícias, jornalistas e seus diferentes públicos. Para o autor, é possível identificar estágios ou fases do jornalismo na *web*: a primeira, assinalada pelo uso de conteúdos produzidos originalmente para o jornal impresso e sua adaptação para veiculação na Internet. A segunda fase, já voltada para a circulação *online*, abrangeria tanto aspetos de design como de edição de conteúdos direcionados. O terceiro estágio implicaria o desenvolvimento de projetos específicos para a rede, incorporando atualização contínua de informações (Strelow, Gruszynski e Necchi, 2010: 22).

Outros autores falam ainda de uma quarta geração do *webjornalismo*, que seria o Jornalismo praticado e atualizado sobre base de dados.

Apesar de não ser um conceito criado para o Jornalismo, a *web 2.0* ajudou a diferenciar a primeira das demais fases do Jornalismo *online*. Embora a *web 2.0* não seja algo totalmente novo, e sim a percepção de princípios 'vencedores' que apontam uma nova

tendência empresarial de gestão e de modelo de negócio (O'Reilly, 2007). Em pouco mais de uma década, a *Web* transformou a prática do Jornalismo *online* ao permitir a participação dos recetores de informação e o diálogo em tempo real (Rosales, 2006).

O surgimento dos novos *media*, não somente para disseminar a informação mas também para interagir, colaborar, construir relacionamentos e conversar, transformaram a *web* e, conseqüentemente, a prática do Jornalismo *online* (Dawson *apud* Future, 2006; Anderson, 2006). Tapscott e Williams (2007: 09) afirmam que as mudanças na natureza da demografia e da economia global colaboraram para a emergência de “novos e poderosos modelos de produção baseados em comunidade, colaboração e auto-organização, e não em hierarquia e controle”.

Uma das grande promessas do Jornalismo *online* é a interatividade. “A máxima, nós escrevemos vocês leem, pertence ao passado.” (Canavilhas, 2003). Ao contrário do que ocorria anteriormente, o acesso do público ao jornalista está cada vez mais facilitado. “A possibilidade de interação direta com o produtor de notícias ou opinião é um trunfo forte a explorar pelo *webjornalismo*” (Canavilhas, 2003). Muitos autores e jornalistas acreditam que essa interatividade é uma das grandes vantagens e um dos grandes perigos do Jornalismo digital.

Interatividade é uma das características mais proeminentes que distingue a *médium online* dos *media* tradicionais. A tecnologia da Internet permite uma verdadeira comunicação bidirecional, utilizando o correio eletrônico e os fóruns de discussão como meios de interligação na comunicação de massas ou na comunicação interpessoal em pequena escala (Kopper et al, 2000).

Hoje em dia, “a maioria dos jornalistas e editores não podem contentar-se em publicar as notícias. Em vez disso, o processo está a torna-se cada vez mais um diálogo entre a Imprensa e o público” (Pavlik, 2000).

A interatividade não é a única diferença entre o Jornalismo tradicional e o Jornalismo *online*, no entanto, é vista como uma ferramenta fundamental para a criação de novos públicos, principalmente entre os jovens e os nativos digitais, pois os leitores não são apenas espetadores, mas também passam a ser participantes do processo de construção da notícia.

### **3.1 Queda na venda de jornais**

Na maior parte do mundo houve queda na circulação de jornais impressos, com exceção da América Latina, Oceânia e Ásia. Mundialmente, a circulação de jornais caiu

0,9% entre 2010 e 2011, a diminuição foi de 6,6% na América do Norte, 5,3% na Europa Ocidental e 8,2% na Europa de Leste. Esses dados pertencem a pesquisa anual<sup>3</sup> da Associação Mundial de Jornais e Editores de Notícias (WAN-IFRA<sup>4</sup>, na sigla em inglês), realizada em 2012 em mais de 70 países<sup>5</sup>.

O estudo constata que os *media* digitais têm conseguido aumentar a audiência, mas os jornais são uma parte pequena do total de consumo na Internet, representando 7% das visitas, 1,3% do tempo gasto e 0,9% do total de páginas visitadas.

A pesquisa revela ainda que as receitas publicitárias não têm crescido no meio online apesar do seu aumento de consumo, e o nível de envolvimento dos leitores com as notícias online ainda é baixo. Em contrapartida, o acesso por *tablets* e *smartphones* representam 20% das páginas de notícias visitadas em todo o mundo.

O fórum mundial dos editores aponta ainda cinco principais tendências para as redações nos próximos anos: acesso de notícia por meio móvel (*tablet*, *smartphone*), narrativa inovadora, conteúdo digital pago, *media* sociais online e dados e métricas.

Dados da *Audit Bureau of Circulations*, entidade responsável por auditar a circulação dos jornais americanos, mostram que lá a crise nos jornais se iniciou há mais tempo, pois a queda na circulação dos jornais começou na década de 1990 e se agravou nos últimos anos com o crescimento da penetração da Internet.

Segundo o órgão americano, o *The New York Times*, por exemplo, maior jornal dos EUA, reduziu sua circulação paga em 50% nos últimos cinco anos. Em 2009, a cidade de Ann Arbor, no Estado de Michigan, tornou-se a primeira cidade americana a não ter um jornal diário em papel: a principal publicação da região migrou por completo para a Internet. Anualmente, a redução da circulação dos jornais impressos em todo o mundo tem variado de 2% a 4% (Righetti e Quadros, 2009a).

No Brasil, as 49 publicações auditadas pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), em Outubro de 2000, somavam uma média diária de 3,6 milhões de unidades em circulação. Em outubro de 2010 o volume de periódicos havia dobrado para 99, mas a média diária de circulação somava apenas 4,3 milhões, logo, aumentou o número de jornais mas não de modo proporcional ao volume de publicações.

A *Folha de São Paulo*, que em 2000 já era o maior jornal em circulação, com uma média diária de 451 mil unidades, em dez anos viu esse número cair quase pela metade,

---

<sup>3</sup> Ver pesquisa em: <http://www.wan-ifra.org/press-releases/2013/06/04/just-published-trends-in-newsrooms-2013>

<sup>4</sup> A Wan-Infra é uma organização internacional de jornais e editores e representa mais de 18 mil publicações, 15 mil sites e 3 mil empresas de comunicação em mais de 120 países.

<sup>5</sup> Em 2011 a queda de circulação tinha sido de 2%, caindo de 528 milhões em 2009 para 519 milhões de exemplares em 2010.

para apenas 278 mil. Movimento parecido é constatado em outras grandes publicações, como os jornais *O Estado de São Paulo* e *O Globo*<sup>6</sup>.

Como consequência os diários tem buscado alternativas para enfrentar essa nova realidade e garantir o lucro de suas empresas. Alguns jornais tradicionais, como o *Jornal do Brasil*, deixaram de ter sua versão impressa e estão apenas na Internet.

Em Portugal, segundo a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APTC), os cinco principais jornais diários pagos do país tiveram queda de circulação. No primeiro bimestre de 2012 os jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Público*, *Jornal de Notícias* e *I Informação* somavam 456.009 tiragens e 341.317 jornais em circulação, no mesmo período de 2013 os números caíram para 346.422 e 245.823, respetivamente.

Diversos jornais e revistas têm fechado em Portugal, principalmente os de menor tiragem e regionais. Em 2012 o *Público* diminuiu sua equipa de jornalistas, a Agência Lusa teve corte de 30% das transferências do Estado e houve protesto e greve contra os cortes de salários e funcionários.

Uma alternativa para diminuir essa queda na venda e a consequente diminuição do número de jornalistas nas redações tem sido a cobrança de assinatura para *sites* de jornais, mas é uma medida que nem sempre dá bons resultados.

Estamos vivendo em um momento de profunda e prolongada transição de *media*: os velhos roteiros pelos quais as indústrias da *media* operam ou os consumidores os absorvem estão reescritos. Na medida em que estas mudanças ocorrem, nós precisamos trabalhar na histórica divisão da pesquisa acadêmica entre o trabalho na indústria do *media* e o trabalho junto as audiências. As empresas de comunicação não podem mais ser significativamente estudadas sem que se compreenda como elas se relacionam com os consumidores. Do mesmo modo, consumidores, audiências, comunidades de fãs, usuários, chame-os como quiser, não podem ser significativamente compreendidos sem uma melhor compreensão dos contextos económico e tecnológico em que operam (Deuze e Jenkins 2008: 05).

A Internet tem algumas vantagens em relação ao impresso com textos curtos, instantâneos e interativos, além da gratuidade, são atrativos que têm conquistado a preferência do público. A queda no número de leitores, aferida pela circulação dos jornais, vem acompanhada da redução no volume de investimento publicitário nos jornais impressos.

No Brasil, de acordo com o Projeto Intermeios<sup>7</sup>, em outubro de 2000 os jornais impressos representavam 20,8% do total das verbas do mercado publicitário, enquanto que

---

<sup>6</sup> Dados fornecidos pelo IVC disponíveis em <http://www.ivcbrasil.org.br/>

em 2010 esse número caiu para 12%. A televisão responde pela maior fatia (cerca de 62%), mas a Internet, que nem aparecia no primeiro relatório, dobrou nos últimos cinco anos e recebe mais de 4% do total de investimentos. Em contrapartida, alguns autores (Righetti e Quadros, 2009b) acreditam que a diminuição da venda dos jornais impressos não é decorrente propriamente da Internet, mas essa tecnologia vem intensificando o cenário:

Ao contrário da nossa hipótese inicial, de que a Internet criou a crise do jornalismo impresso, descobrimos por Meyer (2004) e Boczkowski (2004) que a queda de penetração dos jornais é percebida há décadas. Nos Estados Unidos, por exemplo, o número de leitores de jornais diários caiu de 356 a cada mil habitantes, em 1950, para 234, em 1995, o que representa uma redução de 34% em 45 anos (Boczkowski, 2004: 08). Os motivos da redução do número de leitores, expostos pelos autores, são muitos e variam desde a concorrência de outros meios de comunicação mais “atraentes”, como a própria TV, à queda do hábito de leitura e seu não incentivo nas escolas. Os autores, no entanto, concordam que a Internet acelerou uma crise já existente e que pode se intensificar (Righetti e Quadros, 2009c).

### 3.2 Convergência dos *media* e redações integradas

Outro desafio para os meios de comunicação tradicionais é a convergência<sup>8</sup> dos *media*, um dos termos mais utilizados quando se pensa no futuro da tecnologia. Para Gordon (2003), o processo de convergência dos *media* só se tornará realidade quando ocorrerem mudanças tecnológicas em todos os estágios de estrutura da informação: criação, distribuição e consumo de conteúdo.

Mas a convergência em outras formas já está afetando as empresas que produzem informação e entretenimento, assim como as pessoas que trabalham nela (Gordon, 2003). Kerckhove acredita que a tecnologia permitiu a convergência das necessidades pessoais dos indivíduos com mentes coletivas – e ele não se refere apenas a Internet, mas também a escrita e a televisão, conforme os autores Baldessar e Agiglio registram.

O contexto da convergência está inserido dentro de um panorama conhecido como Sociedade da Informação, previsto por McLuhan (...) e é considerado precursor da atual Sociedade do Conhecimento. Para esclarecer o conceito, a grosso modo, trata-se de um período fortemente marcado pelas tecnologias de comunicação digital e comércio cultural (Rifkin, 2001: 12).

---

<sup>7</sup> Relatórios disponíveis em [www.projetointermeios.com.br](http://www.projetointermeios.com.br)

<sup>8</sup> Rich Gordon (2003) afirma que o termo “convergência” vem, originalmente, do mundo da ciência e da Matemática, relacionado ao cientista William Derham que fez importantes contribuições ao estudo da física no século XVIII.

As tecnologias de comunicação digital e o comércio cultural juntos “criam um novo, poderoso e convergente panorama socioeconómico, cujo principal ativo económico são os bens intangíveis, isto é, o conhecimento” (Foucault, 1979; Lyotard, 1998). Para Jenkins (2008: 27) a convergência dos *media* é “uma transformação cultural, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos mediáticos dispersos”. O autor afirma ainda que a convergência total num único aparelho é chamado de “falácia”, Henry Jenkins (2008) diz ainda que “ se o paradigma da revolução digital presumia que os novos *media* substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novos e antigos *media* irão interagir de formas cada vez mais complexas”.

Jenkins (2008) afirma que o fenômeno corresponde a cinco múltiplos processos: tecnológico, económico, social, global e cultural.

A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta os âmbitos tecnológicos, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregados, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que sejam distribuídos através de múltiplas plataformas, por meio das linguagens próprias a cada uma delas (García Avilés; Salaverría; Massip, 2008, apud Barbosa, 2009).

Até recentemente o Jornalismo era oferecido ao público quase que exclusivamente pela Imprensa – TV, rádio, jornal impresso e revistas. Quando os meios de produção da informação eram escassos, poucas pessoas ou empresas podiam distribuir fatos. Alguns processos de produção e distribuição, no entanto, convergem na década de 1990 para a Internet e o custo para distribuir a informação passou a ser mais baixo: desvinculando assim o Jornalismo da Imprensa, pois todos podem ser, de alguma forma, a Imprensa. As ferramentas de produção e distribuição estão acessíveis a qualquer um com acesso a *web*. A participação popular na produção de notícias e de outros conteúdos informacionais cresce, pois a Imprensa não é mais a única capaz de publicar e os jornalistas não são mais os únicos capazes de realizar Jornalismo.

Alguns autores como Clay Shirky são entusiastas dessas mudanças culturais que chegaram com o surgimento das tecnologias digitais. Andrew Keen, afirma que “a responsabilidade de um jornalista é informar, não conversar conosco. (...) Na *Blogosfera*, publicar nosso próprio Jornalismo é grátis, não exige esforço e está a salvo de restrições éticas irritantes e conselhos editoriais importunos” (Keen, 2009: 46).

Já outros pesquisadores veem essas mudanças como algo negativo. “Uma classe profissional implica numa função especializada, testes mínimos de competência e uma minoria de membros. Nada disso existe em *blogs* políticos, compartilhamento de fotos ou várias outras ferramentas de publicação” (Shirky, 2008).

Estas opiniões debatem o futuro do Jornalismo e ilustram o forte impacto da convergência tecnológica na produção e distribuição das notícias. Situam a amplitude do debate desencadeado desde o surgimento da Internet e das suas recentes evoluções.

Segundo os pesquisadores Javier Díaz Noci e Samón Salaverría:

A incorporação da tecnologia digital está modificando os processos tradicionais de investigação, elaboração e difusão das mensagens jornalísticas e, de fato, até a própria barreira entre jornalista e público, entre emissor e recetor, se desfaz. A tecnologia digital, enfim, chega para transfigurar aspetos essenciais da profissão jornalística (Díaz Noci e Salaverría, 2003: 15).

Para sobreviver a essas mudanças aqui já mencionadas no Jornalismo, os jornais impressos buscaram formas de sobrevivência na Sociedade em Rede, desenvolvendo assim, nova linguagem e ao mesmo tempo garantindo na rentabilidade e a sobrevivência dos veículos.

Como a maioria dos títulos não desistiram de sua versão impressa, eles estão adotando novas rotinas produtivas para atender as duas plataformas mediáticas. No final da década de 1990, após a entrada e o crescimento da Internet, os grandes jornais do Brasil seguiram o modelo desenvolvido nos EUA e investiram numa segunda redação voltada apenas para conteúdos *online*. Mas essa estratégia só era acessível para as empresas maiores, com mais capital e com a possibilidade de ampliar seus quadros de trabalho.

Entretanto, em meados dos anos 2000, a estratégia de manter duas redações mostrou suas dificuldades financeiras, inclusive para os grandes grupos. Além disso, em muitos casos houve problemas relativos ao fluxo das notícias entre as plataformas impressa e *online*, convergindo para uma necessária sinergia entre os processos de apuração e publicação das informações. Com isso muitas redações passaram por uma reestruturação que levaram à sua integração, esse processo iniciou-se com o jornal americano *The New York Times*, em 2005, e o inglês *The Daily Telegraph*, no ano seguinte. Em 2010, o espanhol *El País* anunciou a integração das versões impressa e digital. No Brasil o mesmo está sendo seguido por grandes jornais, como a *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Zero Hora*, *A Tarde*, entre outros.

Corrêa (2008) apresenta o modelo de integração de redações adotado por quatro jornais de diferentes partes do mundo. O primeiro exemplo é o do londrino *The Daily*

*Telegraph*, um dos pioneiros, que focou numa mudança cultural da equipe, combinada com uma reorganização física, unificando o espaço e os fluxos das redações. O segundo modelo é o do *Miami Herald*, que adotou um modo de integração baseado no *continuous news desk*, que passa pela redefinição das responsabilidades editoriais para incluir a produção multimídia no dia a dia de cada profissional. Outro modelo defendido é o do jornal colombiano *El Tiempo*: segundo a autora, o diário montou dois grupos de trabalho: um focado nos produtos e marcas do grupo e o outro capaz de produzir conteúdos dos mais variados temas em diferentes formatos para serem usados por qualquer produto informativo da empresa. O último modelo citado é o do *The New York Times*, que tem como estratégia distribuir jornalistas aficionados por tecnologia em todas as áreas do jornal para gerar uma “hibridação natural”, ao mesmo tempo em que passou a atuar em fluxo contínuo e se prepara para uma integração total entre as plataformas digital e impressa.

Salaverría e Negredo (2008) destacam que a integração das redações é apenas o elemento mais tangível do processo de convergência no Jornalismo, mas que entretanto esse é elemento mais complexo e, por isso mesmo, deveria ser tratado pelos meios de comunicação com maior profundidade. O modelo vai além da reestruturação de cargos e redução da equipa pois eles acreditam que a rotina e o fazer jornalístico é que se tornam a questão central.

É um processo multidimensional que, no mínimo, compreende aspetos das tecnologias de produção e consumo de informação, com a organização interna da empresa, com o perfil dos jornalistas e, é claro, o conteúdo a se comunicar. Portanto, uma empresa de médium que planeja implementar um processo de convergência real entre seus meios não deve apenas pensar em como realocar os postos de trabalho de seus jornalistas. Aventurar-se em um processo de convergência requer uma conversão integrada em toda a empresa. Longe de se esgotar na mera realocação física dos profissionais, esta mudança requer uma profunda mudança dos processos de produção como a única maneira de alcançar uma regeneração dos produtos informativos. Limitar-se a fundir redações sem já haver realizado outras mudanças estruturais parece, portanto, um erro estratégico. Quando isto acontece, a integração muitas vezes refere-se a apenas um curto prazo com o objetivo de reduzir os custos e aumentar produtividade, por mais que pretenda apresentar-se de outro modo (Salaverría e Negredo, 2008: 16).

Para Kischinhevsky (2009) os jornalistas são as principais vítimas desse processo de convergência dos *media*: e a produção multimídia e a integração das plataformas impressa e *online*, inclusive das ferramentas audiovisuais, correspondem a um verdadeiro “pesadelo trabalhista”.

O autor salienta ainda que essa convergência não molda somente a prática jornalística mas também a própria identidade do profissional da Imprensa, que está em conflito constante entre os ideais da profissão e as dificuldades trabalhistas e desmotivações. Para Kischinhevsky (2009) a solução desses problemas estaria no entendimento do cenário e sua absorção a partir da cultura e *habitus* da atividade, não por determinação mercadológica.

“A convergência nas redações só poderá prosperar quando se forjar uma nova cultura profissional, em que o trabalho colaborativo seja uma construção coletiva, e não uma imposição do departamento financeiro” (Kischinhevsky, 2009: 72). Segundo Neveu (2010) a convergência como modelo de negócio adotado pelos grupos de *media* acarretaram no fato dos jornalistas não trabalharem mais para um veículo ou um tipo específico de médium, pois esses profissionais passaram a produzir notícias para todos os canais ou todos os *media* dos seus empregadores: “A convergência piora as condições de trabalho e questiona a autoestima, que é um dos pilares da satisfação com o emprego” (Neveu, 2010: 39).

[...] o efeito da Internet pode ser resumido em um paradoxo. Nunca na história tantos dados têm sido disponíveis às audiências de massas. Nunca a produção de notícias responsáveis e analíticas – o jornalismo – tem sido tão enfraquecida pelo desmoronamento dos seus recursos de financiamento (Neveu, 2010: 40).



## 4 O PAPEL DO JORNALISTA

Um das discussões mais atuais no meio acadêmico e no mercado de trabalho foi o impacto que as novas tecnologias da informação, nomeadamente a Internet, tiveram sobre o Jornalismo e o jornalista.

O desenvolvimento da tecnologia obrigou o jornalista a modificar, em muitos casos, o processo de produção de notícias. Thaís de Mendonça Jorge, ao analisar o processo de mutação da notícia, diz que:

O discurso da metamorfose dos *media*, entretanto, carrega um problema crucial que se localiza justamente na confrontação com o conceito das ciências naturais. A metamorfose que transforma a lagarta em borboleta pressupõe que a lagarta já levava dentro de si a 'programação' para se tornar um outro ser e que isso ocorreria independente de sua vontade. No caso dos produtos mediáticos, eles não portam o germe da transformação em seus corpos virtuais: ao contrário, só vêm a sofrer uma mutação porque ela é provocada por fatores externos, que se acham no próprio contexto em que estão inseridos. Por isso, as velhas formas não morrem – ainda estão em processo de mutação. O que ocorre nesse processo de mudança não seria então uma metamorfose nem uma médiamorfose, a nosso ver, mas uma mutação real, com todos os seus fenómenos: em um ambiente de aparente caos – onde as fronteiras de tornam fluídas, onde parece haver um embaralhamento de conceitos –, as formas estão sofrendo alterações para se adaptar ao novo meio e se dá a emergência de uma série de mudanças por hibridização dos produtos já existentes, pela reciclagem de características de uns e outros ou pela descoberta de novos (Jorge, 2007: 137-138).

Algumas redações chegaram a utilizar o chamado “repórter *backpack*” (Stevens, 2002), “repórter-abelha”, ou ainda a expressão “homem-banda” (Ornebring, 2010), que é aquele que sai as ruas sozinho para buscar a informação munido de todos os equipamentos digitais de gravação possíveis. Na Europa, o modelo do jornalista “homem-banda” (cinegrafista, fotógrafo e redator) é agora utilizado apenas em casos excepcionais, como no de alguns correspondentes internacionais<sup>9</sup>.

Sabe-se que o custo para a qualidade da informação é grande. Ainda assim, espera-se cada vez menos encontrar jornalistas que não sejam capazes de entender o ambiente digital, ou que não sejam capazes de, às vezes, produzir e editar em outros meios que não o de sua especialidade (Gallo, 2005).

A Internet não está apenas criando novas formas de Jornalismo com a maior interatividade que tem, mas também de jornalistas. Maria Teresa Sandoval Martín (2000)

---

<sup>9</sup> A BBC, em 2007, fez um teste enviando o jornalista britânico freelancer Ben Hammersley para cobrir as eleições legislativas da Turquia.

acredita que “a Internet não só está mudando os modos de acesso à informação pelos utilizadores, o modelo de comunicação tradicional, a economia mundial e as empresas de comunicação, mas também o perfil do jornalista”, e a forma como se produz a notícia.

Alguns pesquisadores, entre eles Kovack e Rosentiel (2003) e Wolton (1999), acreditam na influência das Tecnologias da Informação e Comunicação na reestruturação da organização jornalística e também das suas rotinas de trabalho. Barros Filho e Martino (2003) sustentam que o conjunto de procedimentos de produção jornalística constitui para o profissional uma rotina de aspetos repetitivos, resultado de uma socialização dentro do campo. Entretanto, alguns dos saberes, técnicas e atividades característicos do meio impresso estão se alterando na sua convergência com a Internet, como a apuração, pauta, edição e a construção da narrativa pela linguagem multimédia. A periodicidade do jornal impresso de produzir uma edição ao longo de um dia se altera para as atualizações instantâneas da Internet.

O Jornalismo impresso enfrenta reconfigurações internas quanto aos seus procedimentos, mas também influências externas, diante de uma nova ordem social relativa à produção, à circulação e ao consumo das informações. Assim, o *habitus* da profissão, que constitui um “tipo de saber prático, ou seja, de conhecimento voltado para a ação” (Barros Filho e Martino, 2003: 137) está em transformação, condicionando as ações dos sujeitos.

Se por um lado as novas tecnologias trouxeram agilidade no processo de produção e apuração das notícias, por outro, ainda há muitas dúvidas se as tecnologias digitais tenham provocado mudanças profundas na conceção de Jornalismo a ponto de alterar valores consagrados. Segundo Wolton (2010: 268-269), a Imprensa continua a mesma, a mudança foi apenas de forma e de linguagem, mas que em nada abalou os princípios basilares do Jornalismo tradicional.

A produção de notícias na Sociedade em Rede vai além do uso de diversos *media*: é essencial ter também literacia das linguagens de códigos e outras atividades de produção. O elemento humano como objeto implica assumir todas as vulnerabilidades e volatilidades inerentes aos indivíduos.

Sobre as mudanças que as novas tecnologias provocaram no Jornalismo, Canavilhas (2003) propõe duas etapas: o Jornalismo *online* e *webjornalismo/ciberjornalismo*:

No primeiro caso, as publicações mantêm as características essenciais dos meios que lhes deram origem. No caso dos jornais, as versões *online* acrescentam a atualização constante, o hipertexto para ligações a notícias relacionadas e a possibilidade de comentar as notícias. No caso das rádios, a emissão está disponível *online*, são acrescentadas algumas notícias escritas e disponibilizam-se a programação e os contactos. As televisões têm também informação escrita, à qual são acrescentadas notícias em vídeo, a programação do canal e os contactos.

Como se pode verificar, trata-se de uma simples transposição do modelo existente no seu ambiente tradicional para um novo suporte. Na fase a que chamamos *webjornalismo/ciberjornalismo*, as notícias passam a ser produzidas com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, vídeos, infografias e hiperligações, tudo combinado para que o utilizador possa escolher o seu próprio percurso de leitura (Canavilhas, 2006: 2).

Segundo Pavlik (2001), há três mutações no papel do jornalista: “O jornalista tem que ser mais do que um contador de fatos, o papel do jornalista como intérprete dos acontecimentos será expandido e em parte modificado e os jornalistas *online* terão um papel central na ligação entre as comunidades”.

A mudança no papel do jornalista na Sociedade em Rede começa na própria formação dos novos profissionais, que, de acordo com Arturo Merayo Pérez (1997), passará pela capacidade multimédia:

Todos os meios serão multimeios, a verdadeira especialidade dos futuros profissionais da informação será a capacidade de trabalho em todos eles, selecionando e interpretando informação com a suficiente criatividade para dispor agradavelmente essa informação. (Pérez, 1997).

Segundo Concha Edo (2000: 05) as competências multimédia do jornalista *online* serão como que uma “conversão dos jornalistas em ‘fornecedores de conteúdos’, tanto para jornais, como para rádio, televisão e Internet”. “Pessoas com uma mistura de aptidões tradicionais e futuristas, que conseguem trabalhar com imaginação tanto textos como fotos, áudio e vídeo. Então, o jornalista *online* acaba por ser um jornalista multimédia” (Martín, 2000: 07).

Além das competências tecnológicas esse novo profissional da comunicação precisa de competências profissionais, como salienta Eric Meyer (2001: 15): “Os conhecimentos técnicos são importantes. No entanto, mais importante é uma compreensão sólida de como procurar informação significativa, organizá-la de modo eficiente e apresentá-la de forma a que a audiência a aprecie”.

“O volume de informações tornadas tecnicamente disponíveis pela Internet introduz também um fantástico desafio para o jornalista” (Neveu, 2006: 166). Nesse contexto, as novas tecnologias deixaram o Jornalismo ainda mais próximo dos acontecimentos, permitiu uma maior interatividade, diagramações e imagens mais atraentes, mas também impôs novos desafios.

Segundo Marcondes Filho (2009: 37), “a relação entre comunicação e tecnologia incidem de duas formas no trabalho jornalístico: virtualizam o trabalho e interferem nos

conteúdos”. A redação, antes acostumada com o jornal em papel, passa a encarar a volatilidade dos computadores, o que, segundo o autor, “sobrecarrega o jornalista além de o reduzir cada vez mais “a si mesmo””. O autor também acrescenta a isso “o ritmo acelerado de produção, a reorganização das relações de trabalho, as novas atribuições e exigências aos jornalistas, além dos desafios éticos”. Sobre os conteúdos, Filho afirma ainda que “se sobressaem as possibilidades de novas linguagens e o enfraquecimento de outras, como a supervalorização da imagem, inicialmente projetada pela televisão”.

A Internet, a princípio, tornou-se apenas uma fonte para a produção de informações jornalísticas, mas logo passou a organizar e a estruturar todas as etapas da notícia: apuração, composição, edição e circulação; seja como ferramenta de trabalho para o jornalista, seja como meio para acesso à notícia, ou ainda na experiência da audiência com esse novo formato, ou até mesmo na polarização das fontes de conteúdo: “Passo a chamar *webjornalismo* o Jornalismo que se pode fazer na *web*. A introdução de diferentes elementos multimédia altera o processo de produção noticiosa e a forma de ler” (Canavilhas, 2003: 64).

A convergência entre a hipertextualidade e a multimédia dá origem às chamadas hipermédias, ainda caracterizadas pela navegação aberta e capacidade de disseminação por suportes e plataformas diversas, graças à digitalização (Lemos e Palácios, 2001: 132). Nesse contexto são abertas possibilidades para conceber a notícia de modo diferente do Jornalismo impresso através de links em blocos de texto, imagens, gráficos, vídeos, entre outros, possibilitando assim uma maior flexibilidade para o leitor construir sua própria leitura da informação. Para Canavilhas (2006), o formato da pirâmide invertida não é adequado à *web*, mas sim o modelo de hipertexto, no qual pequenos textos são hiperligados: o primeiro apresenta a informação essencial e os demais oferecem a continuidade para que o internauta conduza e escolha sua leitura. “A tradicional técnica ‘pirâmide invertida’ dá lugar a uma arquitetura noticiosa mais aberta, com blocos de informação organizados em diferentes modelos, sejam eles lineares ou complexos” (Canavilhas, 2006: 5).

Outro fator que se tornou importante no processo de construção da notícia para o jornalista foi a mobilidade. Com a crescente difusão das telecomunicações móveis como telemóvel, *tablet*, PC portátil, entre outros, associam-se os benefícios da técnica audiovisual e textual com a capacidade interativa e de conectividade entre os indivíduos, para se testar novas formas de construir a notícia. Nos dias atuais é mais fácil o acesso a ferramentas de edição de texto, produção de imagens, áudio, navegação na *web* e acesso a banco de dados.

Estas ferramentas introduzidas na rotina de um jornalista multimédia ou jornalista móvel vão desencadear uma produção multiplataforma exigindo um profissional multitarefa com

habilidade de lidar com diversas tecnologias digitais dentro de um fluxo de produção mais aberto e dinâmico que, por sua vez, forçará o profissional a responder com mais agilidade ao processo de distribuição de conteúdos ainda durante a etapa de apuração e produção como transmissão ao vivo para a web ou para um canal de TV via celular 3G, envio de parciais da produção em forma de flashes textuais, imagéticos ou de vídeos entre outras condições impostas. É uma mudança de fluxo e de rotina (Silva, 2009: 08).

Em contrapartida, alguns autores acreditam que a aceleração do tempo e a multiplicação das funções levaram a um esvaziamento da parte analítica do jornalista, formatando um Jornalismo essencialmente de relato, com base em declarações de fontes. Nesse aspeto, Marcondes Filho atesta a precarização do Jornalismo, em consequência do processo de informatização: “O trabalho aumentou, o contingente foi reduzido, as responsabilidades se tornaram individuais” (Filho, 2009: 61).

Segundo Marcondes, com esse Jornalismo de relato, em detrimento das análises, das críticas, das especialidades e dos comentários, e com a profusão e acessibilidade das tecnologias da comunicação, de qualquer lugar e a qualquer hora, fica cada vez mais aparente que “qualquer um” pode exercer o papel de jornalista.

Nesse sentido, estão sendo definidos não apenas novos formatos de Jornalismo, mas, sobretudo, novos modos de fazer o Jornalismo. Os “saberes” da atividade – de reconhecimento, de procedimento e de narração (Traquina, 2005) – estão sofrendo mutações, levando conseqüentemente a transformações estruturais do próprio Jornalismo. Com a atividade cada vez mais igualada a “conteúdo” e notícia à “informação”, o profissional de Imprensa tem se transformado em “produtor de conteúdo” (Moretzsohn, 2002), “funcionário da informação” (Neveu, 2010) ou passa a ocupar novos cargos e funções, como “produtor de notícia”, “gerente de informação” e “editor multimédia” (Martinez, 2007).

Apesar de todas essas mudanças provocadas pelas novas tecnologias da informação, diversos autores concordam que o Jornalismo se distingue dos demais tipos de informação disponíveis na rede por suas técnicas, suas normas e procedimentos. O jornalista ainda é apontado como figura capaz de fornecer conteúdos de qualidade e filtrar aqueles relevantes e confiáveis.

Sinaliza-se porventura o fim do jornalismo? Tendo tantas e tão variadas possibilidades de informação à simples distância de um clique do rato, tornando-nos não só consumidores mas também produtores de informação globalizada e em rede, podemos dispensar os intermediários e determinar nossas próprias agendas, sem necessidade daqueles que a modernidade erigiu como nossos principais fornecedores da informação de cada dia? Longe disso. [...] Os novos modos de operação da economia contemporânea, que fazem da atenção (Goldhaber, 1997) o produto verdadeiramente escasso em meio à superabundância de

informação, tornam ainda mais indispensáveis as habilidades dos que filtram. E é em novas bases que se processa a atividade de filtragem jornalística neste mundo dos tempos reais (Palácios, 2010: 43-44).

Autores defendem ainda que mesmo na Sociedade em Rede o Jornalismo mantém seu papel de mediador legítimo entre sociedade e informação (Wolton, 2010; Sodré, 2009; Moretzsohn, 2007; Lemos, Lévy, 2010), pois a sociedade organizada em rede não extingue a importância das profissões intermediárias: ao contrário, é ainda mais necessário o papel de filtro. Entretanto, o cenário que se apresentou até aqui não parece adequado à sobrevivência de um Jornalismo em seu papel de esclarecedor dos cidadãos (Moretzsohn, 2002) ou de contrapoder (Filho, 2009). Com o objetivo de diminuir os custos e aumentar as vendas, o caminho nem sempre passa pelo Jornalismo de qualidade e responsável, em seu papel de mediador confiável:

Maximizar as audiências e os lucros e ao mesmo tempo reduzir os custos de produção significa diminuir o tamanho das salas de redação e redes de correspondentes, reduzir orçamentos para a reportagem e recrutar jornalistas autônomos perigosos (Neveu, 2010: 36).

## 5 O USUÁRIO COMO PRODUTOR DE NOTÍCIA

Atualmente os veículos de comunicação podem ser entendidos como tendo um “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes” (Alsina, 2009: 18). Esse processo de construção social, embora esteja relacionado com normas e constrangimentos, não decorre sem a plena participação da audiência nas diversas interações que os indivíduos tomam parte na realidade da vida cotidiana.

A cultura dos meios de comunicação também é, hoje, um lugar de intensa luta entre os diferentes dinamismos sociais e, por conseguinte, teoriza-se melhor como um terreno de disputa, aberto às vicissitudes da história do que apenas como um campo de dominação (Champagne, 2000: 18).

Os *mass media* tem o poder de gerar uma sociedade com diversas subculturas que tomam a palavra, gerando um pensamento fragmentário e arredo às interpretações unívocas e lineares (Vattimo, 1996: 78). Com os novos *media* há uma maior possibilidade de interação com os agentes sociais, através de uma intervenção maior na descodificação, recepção ativa e na produção de mensagens. Esses novos canais de comunicação poderão desempenhar um papel estruturante acentuadamente e reflexivo na sociedade. Na Internet os antigos consumidores dos *media* tradicionais tornaram-se, até certo ponto, produtores e consumidores de notícias, ou coprodutores, como prefere Boczkowski (2004), já que passaram a contribuir “na criação de bens e serviços em vez de simplesmente consumirem o produto final”. (Tapscott; Williams, 2007: 9).

Essas novas ferramentas disponibilizadas pela Internet oferecem aos seus usuários mais poder sobre como eles buscam e apresentam informações, ao mesmo tempo em que encoraja a publicação de informações próprias (Shipside, 2007), pois o usuário da Internet não é fiel a uma única marca ou *site* (Rojo Villada, 2008).

Essas novas Tecnologias da Informação, aliados às mudanças económicas, sociais e culturais, fizeram emergir um novo conceito de informação em que o usuário, antes apenas um consumidor passivo, se converteu em gerador e mediador de informações (Rojo Villada, 2008). Agora, todo consumidor é jornalista, ou pode ser, se entendermos Jornalismo como um direito humano e não simplesmente como uma prática profissional (Hartley, 2008).

Não podemos afirmar que esses avanços tecnológicos da Sociedade em Rede são os mais significativos desde Gutenberg (Dennis, 2008). Porém, com a ascensão dos *blogs*, do vídeo digital e do Jornalismo participativo, as tecnologias computacionais anunciam uma

mudança monumental que afeta a prática e a natureza do Jornalismo (Journalism 3G, 2008).

A popularização da Internet e o desenvolvimento de ferramentas e plataformas para o compartilhamento de opiniões e experiências – aliada ao fato de que a Internet foi concebida como uma arquitetura aberta – romperam a hegemonia dos governos e dos meios de comunicação como distribuidores de informações: o leitor também passou a ter este poder (Anderson, 2006; Spyer, 2007).

A rede permitiu que os recetores de informação se convertessem em protagonistas, geradores e distribuidores. Com isto, o Jornalismo perdeu o controlo da informação (Rojo Villada, 2008), assim como na Idade Média a Igreja e o Estado perderam o controle das informações com a publicação de informações não oficiais (Burke, 2003).

As consequências desse forte avanço tecnológico para a prática do Jornalismo *online* se resumem, segundo Rosales (2006), ao desaparecimento do papel do jornalista como único árbitro e produtor de notícias; a morte do velho modelo de *gatekeeping*<sup>10</sup>, pois o *feedback* instantâneo do leitor oferece ao editor elementos para que ele decida o que deve ser priorizado na cobertura. Há ainda a criação de um novo espaço onde o cidadão pode atuar como jornalista: a *blogosfera*.

## 5.1 Blogs jornalísticos

Como já vimos, outro desafio para os meios de comunicação tradicionais – principalmente o jornal impresso que tem perdido público ao longo dos anos – é a perda de exclusividade na veiculação de notícias e na produção de conteúdo jornalístico, que podem agora ser desenvolvidas por qualquer pessoa que tenha conhecimento e acesso a Internet.

O crescimento desses *blogs* jornalísticos como ferramentas para o Jornalismo *online* tem possibilitado a percepção de que não apenas vêm se desenvolvendo novas práticas de apuração e difusão de informações e opiniões, mas também vem se apontando para outras formas de relacionamento entre produtores e consumidores desses meios.

*Blogs* jornalísticos têm funcionado não apenas como versões eletrônicas de jornais, mas também tem sido explorados algumas vezes em outras modalidades, como alternativa para profissionais que desejam oferecer coberturas independentes e não atreladas a

---

<sup>10</sup> Neste modelo, os profissionais dos *media*, em particular os editores, decidem o que deve ou não ser publicado em seus veículos (Straubhaar; Larose, 2004). Boczkowski (2004) acredita que o novo papel do *gatekeeping* seja centrado na facilitação e circulação do conhecimento produzido por uma vasta rede de *prosumers*.

nenhum médium, seja como canal de experimentação de novos formatos e linguagens ou ainda como meios mais ágeis e com conteúdos exclusivos.

Em alguns países, como o Estados Unidos, a forte presença de blogueiros chega algumas vezes a influenciar parte do noticiário, ajudando a ditar pautas e encaminhamentos de cobertura da Imprensa. Já em outros países, como o Brasil, isso ainda não acontece com a mesma força, e os jornalistas-blogueiros que tem mais notoriedade estão, geralmente, vinculados a grandes meios de comunicação, como se estendessem na blogosfera parte do prestígio de que desfrutam nos veículos de comunicação. Como é o caso do famoso jornalista brasileiro Ricardo Noblat que tem um *blog* vinculado ao jornal O Globo. Nesse espaço, Noblat trata dos mais diversos assuntos e muitas vezes veicula informações exclusiva que o próprio O Globo não noticiou.

Carregados de “furos”, opiniões e um tom mais informal, os *blogs* passaram a frequentar, diariamente, o espaço nobre das principais páginas eletrônicas da rede. Também não são raros os casos em que esses ‘diários pessoais’ acabam pautando, inclusive, o jornal do dia seguinte, por vezes citado como fonte de alguma ‘bomba’ publicada pelas principais revistas impressas no fim de semana (Borges, 2007: 46).

Com os *blogs* o público alcança um novo patamar no processo comunicacional, não mais restrito à posição do recetor passivo de mensagens. O recetor também tem condições concretas de gerar informação e alimentar os canais noticiosos com seus relatos e dados. Essa mudança permite uma reconfiguração no mapa comunicacional. E se a comunicação muda, o Jornalismo também muda.

O desafio do Jornalismo tradicional frente aos *blogs* é que esses novos meios de comunicação são mais dialógicos. Leitores de *blogs* não apenas comentam as notícias, mas discordam de suas opiniões, apontam erros e ainda sugerem pautas novas.



## 6 ASPETOS METODOLÓGICOS

A tecnologia e a Internet trouxeram diversas mudanças para os *media*. A forma como a notícia é produzida, divulgada e consumida não é mais a mesma de antes. São justamente esses processos que serão o foco de observação e pesquisa deste trabalho, nomeadamente a produção das notícias nos meios impresso e online, iremos analisar os possíveis impactos e consequências que a Internet, enquanto meio que possibilita a produção de notícias, teve na produção de notícias no médium impresso.

Acreditamos que com a pesquisa conseguiremos perceber algumas relações de poder nos textos analisados e até que ponto essas novas Tecnologias da Informação e Comunicação são responsáveis por uma transformação das rotinas de trabalho dos jornalistas.

Iremos observar, ainda, se a diferença entre os dois suportes se traduzem em uma imposição ou em um contributo técnico para o jornalista enquanto produtor que se apropria dessas técnicas e as utiliza.

### 6.1 Objetos empíricos

A ideia de utilizar um veículo do Brasil e outro de Portugal foi fazer um estudo de comunicação comparada para tentar compreender como se dá os impactos da tecnologia nos *media* tradicionais em ambos os países. Acreditamos que a comparação de meios de comunicação pode nos conduzir a um caminho para a democracia, cidadania, melhor informação e uma transformação social da nossa realidade.

Os veículos analisados são a Folha de São Paulo (Brasil) e o Jornal de Notícias, em Portugal. São os jornais diários mais vendidos nos dois países, excluindo-se os jornais com carácter sensacionalista. O jornal mais lido em Portugal não se enquadra nos objetivos do trabalho pois é um tabloide. Os tabloides normalmente são voltados para públicos de menor poder aquisitivo, costumam valorizar textos mais curtos e adotam acabamento gráfico mais chamativo. Os jornais escolhidos são quality paper que costumam valorizar textos mais extensos e adotam um acabamento gráfico mais sofisticado, além disso, privilegiam assuntos que interessam às populações de maior renda.

O Grupo Folha é um dos maiores conglomerados de comunicação do Brasil e controla a Folha de São Paulo, o jornal de maior circulação do Brasil. Em 2012, segundo dados da Associação Nacional de Jornalistas (ANJ)<sup>11</sup>, o diário teve circulação média de 297.650. O

---

<sup>11</sup> Ver dados completos em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>

jornal surgiu em 1960 após a fusão dos jornais Folha da Noite (1921), Folha da Manhã (1925) e Folha da Tarde (1949).

O grupo publica ainda mais três jornais e revistas nacionais, emprega cerca de nove mil pessoas diretamente e conta ainda com um instituto de pesquisa, uma livraria virtual, uma agência de notícias e uma gráfica.

Em abril de 1996 o grupo lançou o portal Universo Online que permite a ligação com o banco de dados para pesquisa, por busca de palavras e de textos integrais publicados na Folha nos últimos três anos. Em janeiro de 2000, o grupo Folha lança o Brasil On Line (BOL) e o NetGratuita. Em 25 de março de 2000 é lançado o Folha WAP, serviço que disponibiliza o noticiário e serviços do Folha Online para os telemóveis.

O Jornal de Notícias surgiu em 2 de junho de 1888, na cidade do Porto, e tornou-se um dos jornais de maior expansão em Portugal, principalmente após a revolução de 25 de abril de 1974. Segundo dados da Associação Portuguesa para o Controlo e de Tiragem e Circulação (APCT)<sup>12</sup>, o diário é o segundo mais vendido do país com uma tiragem de 91.878 e circulação de 68.539 no primeiro bimestre de 2013.

Atualmente o jornal pertence ao grupo Controlinveste *Media*, que é proprietária de diversas publicações como o jornal Diário de Notícias, a rádio TSF, revistas e diversos jornais regionais.

O site do Jornal de Notícias foi lançado em 2008. No último dia 2 de junho de 2013, em comemoração aos 125 anos do jornal, foi lançado um canal de televisão do Jornal de Notícias na Internet, com vídeos de conteúdos diversos, reportagens audiovisuais e programas.

Importante ressaltar que o jornal Folha de São Paulo não é vendido em Portugal, por isso, para a realização desse trabalho foi necessário o apoio de familiares e amigos no Brasil que compraram o jornal e digitalizaram a notícia que foi objeto de análise nesse trabalho.

Para a análise do conteúdo, será também levado em consideração o dia de escolha das edições impressas e das versões online, de modo a garantir a igualdade entre os veículos analisados. Faremos análises de conteúdo de quatro notícias em dois veículos de comunicação – uma notícia do mesmo assunto de cada médium -, sendo um do Brasil e um de Portugal.

Será feita a análise textual das matérias escolhidas percebendo de que forma elas são representadas, os processos dos textos, as fontes, a escrita, a natureza dos fatos, entre outros conceitos de análise.

---

<sup>12</sup> Ver dados completos em: [http://www.apct.pt/Analise\\_simples.php?idSegmento=2&ano=2013&ordenacao=circulacao1Bi%20DESC](http://www.apct.pt/Analise_simples.php?idSegmento=2&ano=2013&ordenacao=circulacao1Bi%20DESC)

## 6.2 Metodologia

Henry Jenkins (2008) diz que “ se o paradigma da revolução digital presumia que os novos *media* substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigos *media* irão interagir de formas cada vez mais complexas”, por isso é importante compreendermos esse processo de produção da notícia nos veículos que serão objetos empíricos desse estudo.

Para melhor compreendermos essas questões apresentadas, analisaremos o conteúdo proposto utilizando o método de Análise Crítica do Discurso, pois acreditamos que dessa forma poderemos não só analisar, mas também comparar as notícias nos âmbitos impresso e digital.

Criado por Norman Fairclough, este método analisa a influência das relações de poder sobre os textos, principalmente os mediáticos, ou seja, é uma forma de análise de discurso e do texto que identifica o papel da linguagem na estruturação das relações de poder na sociedade (Fairclough, 2001).

Para aplicarmos a Análise Crítica do Discurso serão necessárias as descrições dos processos e das estruturas sociais da produção dos textos que serão analisados, “como uma descrição das estruturas sociais e os processos nos quais os grupos ou indivíduos, como sujeitos históricos, criam sentidos em sua interação com textos” (Wodak, 2003: 19).

Para Wodak a relação entre o texto e o social não é vista de maneira determinista:

[...] a Análise Crítica do Discurso trata de evitar o postulado de uma simples relação determinista entre os textos e o social. Tendo em consideração as intuições de que o discurso se estrutura por dominação, de que todo discurso é um objeto historicamente produzido e interpretado, isto é, que se acha situado no tempo e no espaço, e de que as estruturas de dominação estão legitimadas pela ideologia de grupos poderosos, o complexo enfoque que defendem os proponentes [...] a análise permite analisar as pressões provenientes de cima e as possibilidades de resistência às relações desiguais de poder que aparecem em forma de convenções sociais (Wodak, 2003: 19-20).

A análise das publicações será feita a partir de um roteiro de observação, serão analisadas algumas funções dos textos, como: lexicalização, relexicalização, transitividade, modalização, faturalização, natureza factual, estrutura relacional, dimensão emocional, dictização, polifonia, citação, intertextualidade, entre outros aspetos da Análise Crítica do Discurso.

A intertextualidade e a interdiscursividade são muito abordadas na Teoria Social do Discurso pois ela analisa as relações de um texto considerando outros que lhe são

recorrentes. Segundo Bakhtin (2000), “os textos respondem a textos anteriores e, também, antecipam textos posteriores”

Outro aspeto relevante para a aplicação da teoria são as noções de crítica, ideologia e poder. A crítica, segundo Wodak (2003), é resultado de certa distância dos dados, considerados na perspetiva social e uma atitude de autocrítica. A ideologia é entendida como um termo utilizado para indicar a conservação e o estabelecimento de relações desiguais de poder. A ideologia “se refere às formas e aos processos sociais em cujo seio, e por cujo meio, circulam as formas simbólicas no mundo social” (WODAK, 2003: 30). Ainda segundo Wodak (2003), a linguagem classifica e expressa o poder e pode ser manifestada através dos usos que as pessoas fazem da linguagem e pode ser até negociado ou disputado. Essa ideologia é importante para percebermos como os jornalistas produzem conteúdos, e como escolhem utilizar, com base nesse conceito, os recursos que as TIC oferecem:

Nos textos, as diferenças discursivas se negociam. Estão regidas por diferenças de poder que se encontram, por sua vez, parcialmente codificadas no discurso e determinadas por ele e pela variedade discursiva. Como consequência, os textos são com frequência arenas de combate que mostram as pistas dos discursos e das ideologias encontradas que contenderam e batalharam pelo predomínio (WODAK, 2003: 31).

Wodak (2003) afirma ainda que o poder não é efetivado apenas no interior do texto, mas, também, no controlo que uma pessoa é capaz de exercer sobre uma situação social, através do texto.

Pela limitação de tempo e espaço para o trabalho, não será feita uma descrição extensa de cada publicação observada, apenas os principais e mais relevantes pontos analisados seguindo os critérios acima citados.

## 7 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A primeira peça a ser escrutinada foi publicada pelo site da Folha de São Paulo, no dia 08 de maio de 2013, e tem como título: “Mulheres de Cleveland eram presas com cordas e correntes, diz polícia”.

08/05/2013 - 10h58

### Mulheres de Cleveland eram presas com cordas e correntes, diz polícia

DE SÃO PAULO

Recomendar 11 +1 0

O chefe da polícia de Cleveland, Michael McGrath, disse nesta quarta-feira que as três mulheres que ficaram mais de dez anos em cativeiro em uma casa da cidade eram presas pelos sequestradores com cordas e correntes.

Amanda Berry, 27, Georgina DeJesus, 23, e Michelle Knight, 32, foram mantidas em cativeiro por mais de dez anos. As três foram sequestradas em diferentes circunstâncias, entre 2000 e 2004, em Cleveland, que fica no Estado de Ohio, no nordeste americano.



### Desaparecidas há dez anos são encontradas vivas nos EUA

Ver em tamanho maior



Gina DeJesus faz sinal de positivo ao ser chegada à casa de sua família em Cleveland (EUA)

Três homens de origem latina foram presos sob suspeita de envolvimento no caso. Ariel Castro, 52, era o dono da casa que servia de cativeiro e outros dois irmãos, Onil Castro, 50, e Pedro Castro, 54, moravam a menos de três quilômetros das famílias das vítimas.

Em entrevista à emissora americana NBC, o agente disse que elas eram autorizadas a sair poucas vezes da casa, para ir ao quintal que ficava atrás do imóvel. A informação foi obtida a partir dos primeiros depoimentos das vítimas.

McGrath afirmou que as reféns foram encontradas em boas condições físicas, apesar dos maus tratos sofridos no período de cativeiro. Ele também confirmou que a polícia chegou a avaliar duas vezes a necessidade de revistar a casa, mas por casos não associados aos sequestros.

O primeiro deles foi em 2000, quando Ariel Castro foi preso após uma briga na rua, e o segundo em 2004, quando o suspeito, que era motorista de ônibus escolar, deixou uma criança presa dentro do veículo. As declarações, no entanto, são contrárias ao que dizem os vizinhos à imprensa americana.

Em entrevista ao canal NBC na terça (7), Israel Lugo, que mora no bairro do cativeiro, disse que chamou a polícia uma vez em 2011 quando sua irmã disse ter visto uma mulher com uma criança na casa, que batia na janela como se quisesse sair.

Questionado sobre a acusação de Lugo, McGrath diz que não há gravações da ligação do vizinho e disse ter “absoluta confiança” de que os agentes não perderiam uma chance como essa de libertar as mulheres sequestradas.

COMENTE

VEJA OUTROS TEXTOS PARA VISITANTES COMENTAREM

Figura 1.7 Site Folha de São Paulo

A peça analisada apresenta uma galeria com 14 fotografias relacionadas a matéria, a imagem e o texto contribuem reciprocamente para o significado global da mensagem, por isso podemos classificar essa multimodalidade como Relay.

Após as fotografias há uma hiperligação que direciona para a matéria intitulada “Garotas desaparecidas há dez anos são encontradas vivas nos EUA”, do dia 06 de maio de 2013. A matéria apresenta algumas características exclusivamente online como uma secção de comentários, além da possibilidade de reenvio da notícia por redes sociais.

Relativamente a esta peça, podemos observar a presença de elementos de lexicalização que se configuram para a construção da realidade do texto, revelando-se mais significativo na construção de sentido. Lexicalização presentes no texto: “... eram presas pelos sequestradores com cordas e correntes”, “... apesar dos maus tratos sofridos no período de cativeiro”.

No que se refere a transitividade, podemos destacar a presença do processo mental: “... quando sua irmã disse ter visto uma mulher com uma criança na casa...”; e do processo verbal: “O chefe da polícia de Cleveland, Michael McGrath, disse nesta quarta-feira...”.

Sobre a seleção dos atores e seus respetivos posicionamentos no texto, as três mulheres sequestradas são citadas com nome e idade como as vítimas e os três irmãos também são apresentados com nome e idade e são tidos como principais suspeitos do sequestro das vítimas. Além disso, foi apresentado o período dos sequestros e a região onde ocorreu.

Referente a modalização, não encontramos na matéria o uso de determinados advérbios de modo, mas verificamos algumas opções lexicais que exprimem dúvidas ou certeza sobre determinado fato, como por exemplo: “Três homens de origem latina foram presos sob suspeita de envolvimento no caso...”; “... disse ter ‘absoluta confiança’ de que os agentes...”.

O jornalista tenta expressar certo grau de certeza nas informações com relatos de fontes, protegendo assim o papel da palavra enquanto informador, dessa forma ele tenta credibilizar os atores e os atos presentes no texto.

Na peça analisada encontramos diversos exemplo de retóricas para enfatizar a natureza factual dos acontecimentos, tais como: “Mulheres de Cleveland eram presas com cordas e correntes, diz polícia”; “o chefe da polícia de Cleveland, Michael McGrath, disse nesta quarta-feira...”; “três homens de origem latina...”; “o primeiro deles foi em 2000 (...), e o segundo em 2004...”; “... chamou a polícia uma vez em 2011 quando...”

Os exemplos acima demonstram que o texto utiliza como evidência fontes tidas como de confiança e oficiais, como é o caso da polícia, além disso, a matéria apresenta exatidão de algumas informações como o número de suspeitos e a origem, datas que são relevantes para a matéria, detalhes também com data de um depoimento. São todos exemplos de

estratégias de retórica que ajudam na construção das notícias e que reforçam a factualidade das informações.

Outra característica presente é referir acontecimentos prévios como condição e causa do acontecimento principal (sequestro) presente no texto. Isso acontece quando cita, por exemplo: “Ele também confirmou que a polícia chegou a avaliar duas vezes a necessidade de revistar a casa, mas por casos não associados aos sequestros”. Se a polícia na ocasião tivesse revistado a casa, provavelmente o sequestro teria sido descoberto.

Também encontramos estratégias factuais que envolvem a dimensão emocional: “... eram presas pelos sequestradores com cordas e correntes...”; “... apesar dos maus tratos sofridos no período de cativo...”.

No que se refere a dictização, há o dêixis temporal com datas referente ao período dos sequestros e o período em que as três mulheres ficaram em cativo. Não há intertextualidade na matéria analisada.

A segunda peça a ser escrutinada foi publicada pelo site do Jornal de Notícias, 08 de maio de 2013, e tem como título: “Escravas sexuais durante uma década”.

**Escravas sexuais durante uma década**  
Publicado em 2013-05-08

Like 72 people like this. Be the first of your friends.  
Share 194 Tweet 3 LinkedIn Share 1 +1

As três adolescentes que viveram sequestradas durante quase 10 anos terão servido como escravas sexuais dos três irmãos Castro, em Cleveland, nos EUA. A polícia encontrou cordas, correntes e outro material usado para as manietar durante as violações de que foram vítimas.

foto AFP PHOTO / WOIO

Amanda Berry, ao centro, abraçada à irmã, esquerda, e à filha que teve na casa dos captóres

Os relatos dos vizinhos, que dizem ter visto, e comunicado à polícia, a existência de estranhos jogos sádicos no quintal de Ariel Castro deixam perceber que as três jovens foram vítimas de repetidos abusos, durante os 10 anos de cativo.

Amanda Berry, de 27 anos, Gina De Jesus, de 23, e Michelle Knight, de 32, já são apelidadas, por muitos jornais e outros sites na Internet, de “escravas sexuais”.

**Segundo os vizinhos**, as mulheres foram vistas no pátio da casa a andar de gatas, nuas, acorrentadas e com trelas de cão ao pescoço. Na casa foram encontradas cordas e correntes presas no tecto, além de outro material normalmente associado a práticas de “bondage”.

Uma das mulheres, conta a cadeia de televisão CBS, engravidou mais do que uma vez, consequência das violações a que foi submetida na casa. Espancada pelos raptóres, acabava por abortar.

Amanda Berry, a mulher que deu o alerta, chegou mesmo a ter uma filha, atualmente com seis anos. Segundo os media norte-americanos, Amanda também terá feito alguns abortos, em resultado dos maus tratos físicos, nomeadamente murros no estômago, e a má nutrição.

Das múltiplas violações ao longo dos anos, terão nascido pelo menos cinco bebés, cujo destino se desconhece. O número 2207 da Avenida Seymour, em Cleveland, nos EUA, é uma verdadeira casa de horrores.

As provações por que passaram três mulheres, raptadas ainda adolescentes, estão a chocar e a comover os norte-americanos, que pedem responsabilidades à polícia, que nunca deu crédito às queixas e relatos dos vizinhos de Ariel Castro, o dono da casa e principal suspeito do rapto das mulheres.

**FERRAMENTAS**  
Comentar  
Imprimir  
Distribuir  
Enviar  
Aumentar  
Diminuir

**ESTATÍSTICAS**  
31210 Visualizações  
10 Comentários  
3 Envios  
16 Impressões  
Patrocínio

**ARTIGOS RELACIONADOS**

- FBI descobre carta em que Ariel Castro alega ter sido violado em criança
- Ariel Castro pode enfrentar pena de morte pelo rapto das três jovens
- Apenas um dos três irmãos acusado do sequestro das três jovens em Cleveland
- Amanda Berry regressou à casa da família
- EUA tentam compreender sequestro de três mulheres durante 10 anos
- Saiu para comer um hambúrguer e salvou três vidas
- Sequestrador Ariel Castro “era uma pessoa afável”
- Criança resgatada de cativo de 10 anos é filha de um dos sequestradores
- Polícia esteve duas vezes na casa onde três mulheres viveram 10 anos de cativo

**TAGS**  
Mundo

Figura 2.7 Site Jornal de Notícias

A peça analisada apresenta uma fotografia de uma das mulheres sequestradas abraçada a sua irmã e sua filha no hospital e vem contribuir para o significado global da matéria juntamente com o texto.

No texto online há um link no corpo do texto que remete para a matéria intitulada: “Os horrores da casa em que três mulheres estiveram sequestradas uma década”, do dia 08 de maio de 2013. A matéria apresenta algumas características exclusivamente online como uma secção de comentários, além da possibilidade de reenvio da notícia por redes sociais.

Encontramos no texto a presença de lexicalização que vem reforçar o sentido do texto, criando mais significado para a matéria. Exemplos de lexicalização: “Escravas sexuais durante uma década”; “segundo os vizinhos, as mulheres foram vistas no pátio da casa a andar de gatas, nuas, acorrentadas e com trelas de cão ao pescoço. Na casa foram encontradas cordas e correntes presas no teto...”; “uma das mulheres, conta a cadeia de televisão CBS, engravidou mais do que uma vez, consequência das violações a que foi submetida na casa. Espancada pelos raptos, acabava por abortar”; “... nomeadamente murros no estômago, e a má nutrição”.

No texto online também podemos encontrar elementos de transitividade no texto, ele contém diversos processos e sublinha os participantes para reforçar a representação dos fatos apresentados. Processo material: “... deixam perceber que as três jovens foram vítimas de repetidos abusos, durante os 10 anos de cativeiro”. Processo mental: “Os relatos dos vizinhos, que dizem ter visto, e comunicado à polícia...”. Processo relacional: “... já são apelidadas, por muitos jornais e outros sites na Internet, de “escravas sexuais”. Processo comportamental: “... as mulheres foram vistas no pátio da casa a andar de gatas...”. Processo verbal: “Os relatos dos vizinhos, que dizem ter visto, e comunicado à polícia...”

Na peça analisada os personagens principais são as três mulheres sequestradas, elas são apresentadas com nome e idade. Os possíveis sequestradores são chamados de “Irmãos Castro”, é apresentado apenas o nome de Ariel Castro e sem referência a idades ou aos outros irmãos. Com isso, o autor está elencando o papel de cada um na construção do texto, determinando quem é o agente e quem é o alvo.

Podemos observar que o autor utiliza-se de algumas marcas de modalização na matéria analisada, há a presença de alguns advérbios de modo, que indicam modalização, entre eles: normalmente, atualmente e nomeadamente.

Entre as opções lexicais presentes no texto, uma indica dúvida sobre o fato: “Das múltiplas violações ao longo dos anos, terão nascido pelo menos cinco bebés”. Também há modos verbais que cria um “espaço de segurança” sobre a certeza das informações com os verbos no futuro do pretérito do indicativo: “... Amanda também terá feito alguns abortos...”

Através da análise da modalização podemos compreender melhor o grau de certeza ou incerteza do autor em relação a informação, as formas como ele protege o papel da palavra

enquanto informador e ao mesmo tempo tenta demonstrar o seu distanciamento com a retórica da objetividade, mas sempre tentando credibilizar as informações..

Entre as estratégias de factualidade dos acontecimentos podemos destacar a evidência de testemunhos diretos dos acontecimentos como relato dos vizinhos e também cita outras fontes como TV e outros media americanos, pois são fontes tidas como de confiança e credibilidade. Além de informações da polícia, que é considerada uma fonte oficial.

Alguns sinais no texto indicam precisão dos dados relatos, como o endereço de onde as vítimas estavam e a relação dos materiais encontrados pela polícia, mas em muitos momentos não há certeza de algumas informações, como o número de vezes que as jovens possivelmente ficaram grávidas e sofreram abortos ou o que, de fato, aconteceu na casa durante os quase dez anos de cativo.

No texto não há relato de nenhum acontecimento prévio como condição ou causa dos acontecimentos narrados e o autor também não recorre a novos fatos para de situações modelares para tornar o assunto mais familiar.

Em contrapartida, durante toda a matéria podemos observar em expressões e características que levam a despertar fortes emoções como: “Amanda também terá feito alguns abortos, em resultado dos maus tratos físicos, nomeadamente murros no estômago, e a má nutrição”; “das múltiplas violações ao longo dos anos...”; “na casa foram encontradas cordas e correntes presas no teto, além de outro material normalmente associado a práticas de “bondage” e “... estão a chocar e a comover os norte-americanos...”.

Podemos verificar a presença de dictização temporal: “As três adolescentes que viveram sequestradas durante quase 10 anos...”; e espacial: “O número 2207 da Avenida Seymour, em Cleveland, nos EUA, é uma verdadeira casa de horrores.”

A terceira peça a ser escrutinada foi publicada pelo jornal Folha de São Paulo, em 09 de maio de 2013, e tem como título: “Mulheres viviam acorrentadas nos EUA”.

No texto é apresentado uma fotografia para ilustrar a matéria e é acompanhada de uma pequena legenda, o texto e a imagem contribuem reciprocamente para o significado da mensagem do texto. Há também a presença de um pequeno infográfico que complementa a matéria apresentando informações secundárias, mas relevantes para o tema abordado.

No texto analisado há exemplos de lexicalização que reforçam o sentido do texto, criando mais significativo para a construção do texto. Alguns exemplos de lexicalização presentes no texto: “Eram curtos e raros os intervalos em que um dos seus opressores...”; “correntes e cadeados foram encontrados pelos investigadores, que ocuparam a casa desde que Amanda conseguiu, aos gritos e pontapés, atrair a atenção dos vizinhos”.

No que se refere a transitividade, o texto apresenta diversos processos e sublinha os participantes para reforçar a representação dos fatos apresentados. Exemplos de transitividade presentes no texto: “... Amanda Berry, 27, Georgina de Jesus, 23, e Michelle

Knight, 32, puderam raramente sentir o calor do sol”. A expressão destacada utiliza-se de um processo mental (sentir) para reforçar a mensagem que o texto quer passar, representando a realidade vivida pelas vítimas do sequestro.

“... apesar de uma expectativa de que Amanda, elogiada pela polícia por ter tido a coragem de gritar até romper a visão...”. O ato de gritar, relatado no texto, é um processo comportamental.

Durante o texto os personagens principais, sejam as mulheres sequestradas, sejam os possíveis sequestradores, são apresentados com nome, idade e origem, elencando o papel de cada um na construção do texto, determinando quem é o agente e quem é o alvo.

Na peça são utilizados alguns advérbios de modo, que indicam modalização, entre eles: raramente, publicamente, amplamente, provavelmente.

Há também opções lexicais que exprimem a certeza ou dúvida de um determinado facto, tais como: “Vizinhos ouvidos pela mídia local afirmam que...”; “informações não confirmadas...”, “... provavelmente fruto de estupro”.

Na matéria analisada o autor se utiliza dos recursos de modalização para expressar algumas certezas, mas também reforçar algumas incertezas ainda presentes. O autor tenta demonstrar certeza nos atos cometidos pelos possíveis sequestradores detalhando algumas práticas realizadas com as encarceradas. Mas como não há toda certeza do que acontecia ele tenta afirmar o seu distanciamento para com a notícia utilizando a retórica da objetividade, mas sempre tentando credibilizar os atores principais.

O texto recorre a retórica para que o seu conteúdo seja validado e aceito como verdade. Há descrições dos acontecimentos com detalhes como: “... puderam raramente sentir o calor do sol.”; “correntes e cadeados foram encontrados pelos investigadores...”. Outra retórica utilizada no texto evidência testemunhos dos acontecimentos, seja de vizinhos da casa onde as mulheres estavam confinadas, seja de parentes das vítimas. Também utilizam fontes oficiais para dar credibilidade ao conteúdo, expressões como “...informou o chefe da polícia”; “...foram encontrados pelos investigadores...”, são fontes credíveis e oficiais.

Também verificamos que na notícia é forte a presença de sinais que indicam exatidão, como por exemplo: “Durante os dez anos...”, “... seu desaparecimento desde 2003...”, “... Amanda estava acompanhada de uma criança de seis anos...”.

Outra estratégia utilizada é o de fornecer a informação com dimensão social. A notícia, por si só, já tem certo apelo emocional, mas o autor recorre a alguns detalhes para evidenciar ainda mais esse sentido, dando ênfase a como as sequestradas viviam, os possíveis abortos e abusos e como a vítima conseguiu buscar ajuda. Dessa forma o texto desperta forte emoções e envolve ainda mais os leitores.

No que se refere a dictização, há presença de deixis temporal como: “Há dois anos...”; “... ainda se desenrolavam ontem”.

Sobre a intertextualidade, a peça se relaciona diretamente com o box cujo título é “mais de 70% dos sequestros têm uso de veículo”, que tem relação com a notícia principal que está sendo analisada.

A quarta peça a ser escrutinada foi publicada pelo Jornal de Notícias, em 09 de maio de 2013, e tem como título: “Casa dos horrores”.

No texto há duas fotos. Uma maior, acima do título, nela está a casa onde as mulheres eram mantidas reféns e também encontramos pequenas fotos sobrepostas dos seus rostos com o nome e informação de cada uma das vítimas. A foto é acompanhada também de uma pequena legenda, o texto e a imagem contribuem reciprocamente para o significado da mensagem do texto. A segunda fotografia é de Ancoragem, traz o rosto de Ariel Castro, um dos suspeitos de manter as vítimas em cárcere privado, a imagem aparece logo acima do Box que ressalta o histórico de violência presente na sua família, destacando o conteúdo.

A peça apresenta diversos elementos de lexicalização, a começar pelo título “Casa dos Horrores”, que evidencia aquilo pela qual as vítimas passaram durante os anos de cativeiro, durante todo o texto existem outros exemplos que vêm reforçar essa lógica: “... terão sido abusadas sexualmente, agredidas mesmo quando estavam grávidas e terão sofrido vários abortos”; “foi um verdadeiro cenário de horror aquele que os investigadores...”.

Podemos encontrar elementos de transitividade no texto, ele apresenta diversos processos e sublinha os participantes para reforçar a representação dos fatos apresentados. Processo comportamental: “... eram tratadas como escravas sexuais e mantidas acorrentadas em quartos separados”. Processo mental: “Chegaram a ser vistas pelos vizinhos nuas, no quintal, com trelas colocadas no pescoço.” Processo verbal: “A porta-voz do FBI revelou que as autoridades...” Quanto aos participantes, o texto enumera quantas e quais são as vítimas e quanto tempo, aproximadamente, elas ficaram sequestradas. A notícia também apresenta os possíveis sequestradores e ainda traça um perfil do historial de violência na família dos irmãos.

Não são encontrados advérbios de modo no artigo. Mas verifica-se expressões como: “Foi um verdadeiro cenário...”; “uma terá abortado três vezes. A única criança que terá sobrevivido...”. Nos exemplos acima citados encontramos, respectivamente, opções lexicais e opções por modos verbais que criam um ambiente de certeza das informações apresentadas.

A notícia apresenta algumas retóricas para evidenciar e enfatizar a natureza dos fatos narrados. Há testemunho de fontes tidas como de confiança e credíveis como: “A porta-voz da FBI revelou...”; “na cave, a polícia encontrou...”; “segundo o jornal ‘New York

*Post...*”; “o canal de televisão americano ‘Fox8...’”. Utiliza, também, as fontes oficiais para credibilizar. No texto também encontramos testemunhos diretos dos acontecimentos com falas de Anthony Castro, filho de Ariel, um dos suspeitos de sequestro.

Também podemos encontrar sinais que indicam precisão dos factos apresentados como o número de vítimas e as suas respetivas idades, o total de objetos retirados para análise, o número de vezes que as jovens tinham engravidado e quantos filhos tinham sido abortados. Todas essas informações demonstram que o autor tenta ter exatidão no conteúdo da matéria.

A matéria também apresenta o argumento polifónico, pois tem diversas fontes como jornais, televisão, FBI, Polícia de Cleveland e há perspetivas diferentes, por exemplo, sobre a atuação da polícia, que teria sido ruim para os vizinhos, mas boa para os acusados.

Entre as estratégias de factualidade na construção da notícia podemos destacar o “Historial de violência na família Castro”, onde a notícia apresentada casos anteriores de violência na família, ou seja, se refere a acontecimentos prévios como condição para prever esses novos acontecimentos, no caso analisado, o sequestro das três mulheres.

Há ainda a forte presença da dimensão emocional na informação analisada. A começar pelo título “casa dos horrores”, que já sugere situações que despertam fortes emoções.

Verificamos também a presença do deixis temporal no texto: “... durante cerca de uma década”; “... visitou a casa do pai há cerca de duas semanas”.

No que se refere a intertextualidade, o texto se relaciona com o Box intitulado “historial de violência na família Castro”.

## **7.1 Síntese de Resultados**

Podemos observar que as peças online tem características exclusivas do seu meio, que as diferenciam das notícias na versão impressa. Os recursos utilizados na Internet – secção de comentários, redes sociais, *links* e galeria de fotografias – mostram como as ferramentas digitais podem ser utilizadas para potencializar a notícia e também criar vínculo com o leitor.

As matérias analisadas apresentam algumas características em comum, todas recorrem a elementos textuais e lexicais para reforçar sua mensagem, seja através de fala de testemunhas ou de fontes tidas como de confiança, seja através de expressões que indicam certeza ou não dos fatos apresentados.

Podemos verificar que na matéria do site da Folha de São Paulo a peça recorre principalmente a modalização e retórica das notícias, além disso, as 14 fotografias apresentadas na matéria vem complementar a informação e cria um maior significado para o texto no sentido que contribui reciprocamente para o significado global da imagem.

Ao contrário do online, o jornal Folha de São Paulo não apresenta diversas imagens para reforçar o texto, apenas uma para contextualizar, há uma maior riqueza de detalhes com mais informações sobre os possíveis abusos sofridos pelas vítimas, além disso, podemos constatar que há também a forte presença de transitividade, em especial de processos mentais além da utilização da retórica com a apresentação de fatos que despertam emoções fortes e geram interação direta com o leitor.

Na peça analisada do site do Jornal de Notícias podemos verificar a forte utilização da retórica que despertam fortes emoções, detalhes do que teria ocorrido durante os anos de cativeiro. A notícia tem apenas uma foto que ilustra o fato narrado. O site utiliza também a hiperligação para direcionar para outra notícia com mais informações.

Na matéria do Jornal de Notícias é possível notar a forte utilização da retórica, além disso, a peça também apresenta o argumento polifônico, pois têm diversas fontes, inclusive outros veículos de comunicação. Há uma preocupação com a legitimação de todo o conteúdo abordado.

O jornal apresenta também um breve histórico da família que supostamente cometeu o sequestro e também traz imagens sobrepostas e mostra o rosto das três vítimas.

Nesse sentido, podemos compreender que as notícias online analisadas utilizam-se mais de recursos como fotos e hiperligações para credibilizar o seu conteúdo, mantendo certa distância do que está apresentado.

Já as notícias analisadas nos jornais apresentam mais detalhes das notícias, recorrem a fontes tidas como oficiais e depoimentos de testemunhas para dar credibilidade ao seu conteúdo. A Folha de São Paulo não se utiliza muito da fotografia, ela apenas contribui reciprocamente para o significado da notícia, mas no Jornal de Notícias as fotografias são relevantes e apresentam informações nas suas legendas.

No que se refere a comparação entre os veículos de comunicação dos dois países, podemos verificar, com base na análise, que há um padrão entre os jornais de Brasil e Portugal. No online ambos utilizam ferramentas da Tecnologia da Informação e Comunicação, estreitando a relação com o leitor e o incentivando a participar, seja através de comentários ou de indicação da notícia por redes sociais.

Nas peças impressas encontramos em ambos muitos elementos que vêm reforçar o sentido do texto, fontes oficiais ou com credibilidade, retóricas e elementos lexicais. As construções das narrativas são parecidas, pois muitas vezes ambas utilizam os mesmos elementos para reforçar a compreensão do texto.

Acreditamos que há algumas diferenças entre os veículos brasileiros e portugueses, até por questões linguísticas e culturais, mas a maior diferença está na plataforma ao qual a notícia é reproduzida. A forma como os jornalistas constroem o texto e apresentam os

elementos são diferentes no impresso e no online, que apresenta características exclusivas se comparadas com o impresso.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual o futuro do Jornalismo? O jornal em papel vai acabar e será substituído pelo jornal online? Todas essas questões são constantemente debatidas por acadêmicos e pelos próprios media.

Pudemos perceber, com a análise desenvolvida por esse trabalho, que o Jornalismo tradicional e o online tem alguns elementos em comum, os pilares principais do Jornalismo continuam os mesmos, mas as ferramentas e os elementos nas duas plataformas muitas vezes se divergem. É o mesmo Jornalismo mas com algumas características diferentes.

O Jornalismo na Internet, diferente do impresso, tem a possibilidade de nos proporcionar a junção de diversos meios, o áudio (rádio), a imagem (TV) e a escrita (jornal) em um único lugar, além de propiciar uma atualização constante, quase que imediata dos fatos que acontecem no mundo, a sua agilidade e interatividade para com o público é um diferencial que muitas vezes faz a diferença.

Essa crise que o Jornalismo passa hoje vem de muito antes, como já anteriormente disto nesse trabalho, mas é verdade que se intensificou mais com a expansão tecnológica. Outras indústrias passaram ou passam por crises semelhantes como a indústria da música e do cinema e mais recentemente a de livros.

Existem alguns casos de sucesso em meio a muitas notícias ruins para o setor, jornais como o The New York Times e o The Wall Street Journal criaram modelos de assinatura digital que tem tido bom retorno. Mas será essa a solução? Investir no digital para manter o jornal de papel? Não há como responder essa pergunta, ainda não é claro como o mercado e os jornais vão se comportar a essas mudanças.

Observamos também que o papel desempenhado do jornalista já não é mais o mesmo, seja no Brasil, em Portugal e em grande parte do mundo. Não basta apenas apurar e escrever a matéria, é necessário ir além, saber mais, e principalmente ter literacia digital. Esse jornalista, muitas vezes chamado de multimídia, é um ser ainda em construção, que expande seus horizontes jornalísticos para além do texto, do áudio, da imagem e da fotografia, é quase um ser híbrido.

A leitura dos autores e a análise do conteúdo não apontam um caminho seguro nem soluções para essas questões do Jornalismo, mas revelam algumas tendências e formulam perguntas mais elaboradas sobre essas questões.

Enquanto ilustração empírica das transformações em curso, a breve análise desenvolvida neste trabalho permitiu descobrir que o Jornalismo online tem características próprias e recursos que o diferenciam do impresso, essas plataformas digitais têm, até certo ponto, a capacidade de interagir de forma mais rápida e dinâmica com o leitor do que no

jornal impresso. Além disso, as ferramentas disponibilizadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação reforçam a narrativa com fotos, links e outros recursos.

Através da análise empírica pudemos ver as diferenças entre as duas plataformas analisadas e entre o Jornalismo praticado no Brasil e em Portugal que, apesar de algumas diferenças, têm elementos muito próximos, a maior diferença está mesmo na plataforma onde a notícia é apresentada.

## 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alsina, Miquel Rodrigo (2009), *A construção da notícia*, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- Anderson, Chris (2006), *A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho*, Rio de Janeiro, Elsevier.
- Boczkowski, Pablo (2004), *Digitizing the news: innovation in online newspapers*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- Borges, André (2007), *Blog: uma ferramenta para o jornalismo*, In: FERRARI, Pollyana (org.), São Paulo, Contexto.
- Canavilhas, João Messias (2003), *Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web*, In: Antônio Fidalgo e Paulo Serra (orgs.), *Informação e Comunicação Online*. Vol. 1. Labcom, Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Canavilhas, João Messias (2006), *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, BOCC.
- Cardoso, Gustavo (2006), *Os Média na Sociedade em Rede*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, Manuel (2000), *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume I*. 11. Ed, São Paulo, Paz e Terra.
- Champagne, Patrick (2000), *Os média, as sondagens de opinião e a democracia* in AAVV, *Os cidadãos e a sociedade de informação*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Corrêa, Elizabeth Saad (2008). "JOL em Austin I: quatro exemplos de integração de redações", (Online). Disponível em: <http://imezzo.wordpress.com/2008/04/05/jol-em-austin-i-quatro-exemplos-de-integracao-de-redacoes/>
- Deak, Andre (2011), *Novos jornalistas do Brasil: casos de processos emergentes do jornalismo na internet*, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes.
- Deuze, Mark e Henry Jenkins (2008), "Convergence Culture Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies", (Online). Disponível em: <http://www.gigaart.net/T101/readings/JenkinsDeuzeConv2008.pdf>.
- Noci, Javier Diaz e Ramón Salaverría (2003), *Manual de Redación Ciberperiodística*. Barcelona, Ariel.
- Edo, Concha (2001), "Las ediciones digitales de la prensa: los columnistas y la interactividad con los lectores", (Online). Disponível em: [http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer\\_06/6-3-Estu/6-3-05.htm#Inicio](http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer_06/6-3-Estu/6-3-05.htm#Inicio)
- Filho, Clóvis de Barros e Luís Mauro Sá Martino (2003), *O habitus na comunicação*, São Paulo, Paulus.
- Foucault, Michel (1979), *O sujeito e o poder*, In: Rabinow, Paul e Hubert Dreyffus (1995), *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica*, Rio de Janeiro, Universitária.
- Gallo, Julián (2005), "El periodismo actual es obsoleto", *Mirá!*, (Online), Disponível em: <http://www.juliangallo.com.ar/2005/12/el-periodismo-actual-es-obsoleto-2/>.
- Gordon, Rich (2003), "Convergence defined", *Online Journalism Review*, (Online). Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/people/webjournalist/201002/1821/>.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- Jorge, Thaís de Mendonça (2007), *A notícia em mutação. Estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital*. Tese de doutoramento em Comunicação, Brasília, Universidade de Brasília.

- Keen, Andrew (2009), *O culto do amador*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Kischinhevsky, Marcelo (2009), *Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico*, In: RODRIGUES, Carla (org.), *Jornalismo online: modos de fazer*, Rio de Janeiro, Sulina.
- Kopper, Gerd G (2000), et alt. *Online Journalism – a Report on Current and Continuing Research and Major Questions in the International Discussion*, Journalism Studies, vol. 1.
- Lemos, André e Marcos Palacios (2001), *Janelas do ciberespaço*, Porto Alegre, Sulina.
- Lemos, André e Pierre Lévy (2010), *O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*, São Paulo, Paulus.
- Lévy, Pierre (1999), *Cibercultura*, São Paulo, Editora 34.
- Filho, Ciro Marcondes (2009), *Ser jornalista: O desafio das tecnologias e o fim das ilusões*, São Paulo, Paulus.
- Martín, Maria Teresa Sandoval (2000), *Los periodistas en el entorno digital: hacia el periodista multimedia. Sala de Prensa*, (online). Disponível em: <http://www.slideshare.net/equistrece/prensa-5726526>
- Martinez, Adriana Garcia (2007), *A construção da notícia em tempo real*, In: FERRARI, Pollyana (org.), *Hipertexto, hipermídia*, São Paulo, Conexão.
- Moretzsohn, Sylvia (2002), *Jornalismo em “tempo real”. O fetiche da velocidade*, Rio de Janeiro, Revan.
- Moretzsohn, Sylvia (2007), *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*, Rio de Janeiro, Revan.
- Neto, Pedro Pereira (2006), *O ruído das luzes: jornalismo e internet em Portugal*, Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Lisboa, ISCTE.
- Neveu, Érik (2006), *Sociologia do jornalismo*, São Paulo, Loyola.
- Neveu, Érik (2010), *As notícias sem jornalistas. Uma ameaça real ou uma história de terror?*, In: *Brazilian Journalism Research*. vol. 6, 1.
- O’reilly, Tim (2007), *The rules are clear for those who observe*. In: *Ihra Newspaper Techniques, Web 2.0: The publisher’s how-to guide*.
- Palacios, Marcos (2010), “Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História”, *Matrizes*, USP, Ano 4, No 1, jul/dez, (Online). Disponível em: [http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/157/pdf\\_188](http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/157/pdf_188).
- Pavlik, John (2000), *The Impact of Technology on Journalism*, Journalism Studies, vol. 1
- Pavlik, John (2001), *Journalism and new media*, New York, Columbia University Press.
- Rifkin, Jeremy (2001), *A era do acesso*, São Paulo, MakronBooks.
- Righetti, Sabine e Ruy Quadros (2009), “Impactos da internet no jornalismo impresso”, *ComCiência*, (Online). Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=48&id=602>.
- Salaverría, Ramone e Samuel Negredo (2008), *Periodismo integrado. Convergencia de medios y reorganización de redacciones*, Barcelona, Editorial Sol908.
- Santaella, Lucia (2007), “Dossiê: Perspectivas autorais nos estudos de comunicação”, *Matrizes: Revista do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo*, volume (1), jul-dez.
- Shipside, Steve (2007), “What’s important about Web 2.0”. *Ihra Newspaper Techniques, Web 2.0: The Publisher’s How-to Guide*, (Online). Disponível em:

[http://www.nxtbook.fr/nxtbooks/ifra/web2-0\\_nt/index.php](http://www.nxtbook.fr/nxtbooks/ifra/web2-0_nt/index.php).

- Shirky, Clay (2008), *Here comes everybody*, New York, Penguin Books.
- Silva, Fernando Firmino da (2009), "Mobilidade convergente: Abordagem sobre a prática e os estudos do jornalismo móvel", *Revista Icone*, volume (11), 2.
- Sodré, Muniz (2009), *A narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento*, Petrópolis (RJ), Vozes.
- Spyer, Juliano (2007), *Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Stevens, Jane (2002), "Backpack journalism is here to stay", *OJR article*, (Online). Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017771575.php>.
- Stockinger, Gottfried (2003), *A sociedade da comunicação. O contributo de Niklas Luhmann*, Rio de Janeiro, Papel Virtual.
- Strelow, Aline, Ana Grusxynski e Vitor Necchi (2010), *Backup do jornalismo digital*. In: Mapeamento do ensino do jornalismo digital no Brasil em 2010, São Paulo, Itaú Cultural.
- Tapscott, Don e Anthony D. Williams, *Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Traquina, Nelson (2005), *Teorias do jornalismo*, volume (2), Florianópolis, Insular.
- Vattimo, Gianni (1996), *La sociedad transparente*, Barcelona, Paídos.
- Villada, Pedro Antonio Rojo (2008), *Modelos de negocio y consumo de prensa en el contexto digital*, Murcia, Ediciones de la Universidad de Murcia.
- Wolton, Dominique (2010), *Informar não é comunicar*, Porto Alegre, Sulina.



## ANEXO A - Venda de jornais diários em Portugal

Período: 1º Bimestre de 2013

<b>Título</b>	<b>Tiragem</b>	<b>Circulação</b>
Correio da Manhã	157.627	118.740
Jornal de Notícias	91.878	68.539
Público	40.464	27.917
Diário de Notícias	41.504	25.386
I Informação	14.949	5.241

Fonte: Associação portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação.



## ANEXO B- Venda de jornais diários no Brasil

Período: Ano de 2012

<b>Título</b>	<b>Média de circulação</b>	<b>Varição 2011/2012</b>
Folha de São Paulo	297.650	4%
Super Notícia	296.799	1%
O Globo	277.876	8%
O Estado de São Paulo	235.217	-11%
Extra	209.556	-21%
Zero Hora	184.674	-2%
Diário Gaúcho	166.221	7%
Daqui	159.022	-3%
Correio do Povo	149.562	0%
Meia Hora	118.257	-12%

Fonte: Associação Nacional de Jornais (ANJ).